

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Roteiro de Leitura
Carlos Rogério D. Barreiros

Machado de Assis

MACHADO DE ASSIS E O REALISMO

O movimento romântico foi motivado pela ascensão da burguesia ao poder, sobretudo na Europa. Os autores românticos podiam assumir duas posturas quanto à nova ordem mundial que se formava: ou tomavam para si os valores liberalistas e faziam deles mote e glosa de suas obras, criando textos cujas personagens eram idealizadas e heróicas, personificadoras do mito romântico do cavaleiro nobre e religioso, ou, cientes que estavam da irrealização dos ideais **Liberdade, Igualdade, Fraternidade**, mergulhavam na própria subjetividade, negando o mundo circundante e, simultaneamente, rindo dele. No entanto, as últimas obras de José de Alencar já apontavam um futuro diferente para a arte literária.

O movimento realista chega ao Brasil como reação às posturas românticas que, de alguma maneira, ocultavam a realidade sob a égide do bom e nobre índio que tanto encantava as jovens leitoras brasileiras. À atitude despojada e irônica dos *byronianos*, os realistas respondem com crueza, investigando a realidade à luz das novas teorias científicas que surgiam, sobretudo da determinação que tinha o meio sobre o homem.

Assim, em 1881, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, inaugura-se no Brasil o Realismo. Se os autores românticos brasileiros, sobretudo José de Alencar, cantavam a cor local e a flora e a fauna brasileiras nas obras, para que se criasse a autêntica literatura nacional, o mesmo não acontecia com os realistas. Preocupados em evidenciar as influências do meio sobre os homens, eles faziam de seus livros verdadeiros tratados sobre a natureza humana e as relações sociais. O homem era produto da sociedade em que vivia, o que os fez investigar a complexidade psicológica de suas personagens. A viagem **à roda da vida** que Brás Cubas faz desvenda um Brasil bem diferente do criado às margens do Paqueta: as relações familiares, amorosas e sociais não são mais observadas como manifestação dos mais nobres valores criados pelo homem, mas como expressão dos caprichos mais mesquinhos que se escondem sob o manto da honra e da virtude.

VIDA E OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839, na Chácara do Livramento, no Rio de Janeiro. De origem humilde, ingressou cedo na vida jornalística, e em 1855 já publicava versos na **Marmota Fluminense**. A partir de 1860, inicia a carreira burocrática que seguirá até o final da vida: foi Oficial de Gabinete da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas, Diretor da Diretoria Geral do Comércio no Ministério da Agricultura e Diretor Geral da Viação. Em 1867, conhece Carolina Augusta Xavier de Novais, que se tornará sua esposa, morta em 1904. Em 1908, depois de ter sido presidente da Academia Brasileira de Letras desde 1897, falece sozinho.

Sua obra é vasta: Machado de Assis escreveu poesia, romances, contos, peças de teatro, crônicas e críticas. É habitual dividir a produção de seus romances em duas fases. A primeira é composta de *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878); a segunda, inauguradora do movimento realista no Brasil, chamada **madura**, é formada por cinco romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

O FOCO NARRATIVO: UMA QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

Essencial para a compreensão do romance é o estudo do foco narrativo adotado pelo autor para a condução da obra. O **defunto autor** de Machado de Assis, seja na dedicatória aos vermes, seja no prólogo, seja no primeiro capítulo, **Óbito do Autor**, impressiona por sua audácia e sua indiferença:

Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas memórias póstumas.

Chocante ou irônica, pouco importa, a dedicatória certamente não é das mais comuns. Fugindo ao senso comum, Brás Cubas dedica suas memórias aos vermes, como se não houvesse alguém digno de lembrança, deixando claro o pessimismo da obra. O prólogo do romance parece fazer o mesmo, pois o narrador não espera ter mais que cinco leitores:

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco.

No entanto, a postura altera-se de súbito ainda no mesmo prólogo:

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio.

Stendhal (1783-1842), ficcionista francês, autor de **O Vermelho e o Negro**, Laurence Sterne (1713-1768), romancista inglês, autor de **Tristram Shandy** e Xavier de Maistre (1763-1852), escritor francês, autor de **Viagem à Volta de Meu Quarto** são as influências que o **defunto autor** apresenta já nas primeiras páginas do romance, evidenciando que é — ou era, em vida — um leitor das belas-lettras européias. Deixa clara também qual a tônica da obra, escrita com a **pena da galhofa**, da gozação, da ironia, e com a **tinta da melancolia**, deprimida. É o que se observará, de fato, ao longo do romance. Porém, não se tratará somente, como é possível observar no mesmo parágrafo, de ironia com as personagens e seus atos que eventualmente emergem das páginas machadianas; é também o leitor parte da galhofa do autor:

*Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas **Memórias**, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agrada, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agrada, pago-te com um piparote, e adeus.*

Movido pela tentativa de angariar a simpatia de seus poucos leitores, Brás Cubas afirma que o prólogo será curto, o que também justifica que se mantenha oculto o processo fantástico de produção das memórias no além. De súbito, a humildade e simpatia para com o leitor, insinuadas em todo parágrafo, se extinguem em nome da superioridade do narrador, que chama de **fino leitor** aquele a quem a obra agrada, mas, surpreendentemente, pouco se importa com os que não gostarão dela. O diálogo constante com o leitor e as interrupções na narrativa para digressões particulares são constantes em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, obra em que os acontecimentos ou sua seqüência são menos importantes do que a postura ambígua observada acima. Se num momento o narrador se mostra humilde, noutro se proclamará superior a tudo e a todos; se num parágrafo se faz responsável e indulgente, no seguinte será inconseqüente e indiscreto, sem que seja possível identificar quem ele realmente é ou se ele, de fato, é uma personagem ambígua.

O **Óbito do Autor** é ainda mais esclarecedor quando se quer investigar o foco narrativo das **Memórias**:

Algum tempo hesitei se deveria abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

O parágrafo dado, aparentemente, não passa de um esclarecimento quanto ao método adotado para a narrativa: uma vez que é inovador começar um romance pela morte de seu protagonista, o nascimento ficará para depois. Mais: a sepultura foi, para Brás Cubas, um novo berço. A objetividade e a clareza do texto e do método são interrompidas por um comentário ímpar: a diferença entre as *Memórias* e o Pentateuco — os cinco primeiros livros da Bíblia (*Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*) — é que aquelas começam na morte de seu narrador e este, no nascimento. A comparação consterna por insinuar que as obras da Bíblia Sagrada são, no mínimo, menos originais que a narrativa de Cubas. Se nem Moisés pode resistir à galhofa do narrador, espera-se o mesmo quando se trata de outras personagens, ainda no *Óbito do Autor*:

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis de última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

A ironia ao discurso de um dos onze amigos é clara, mas torna-se ainda mais mordaz no parágrafo seguinte. A idéia não parece tão engenhosa, mas lugar-comum e piegas. O amigo, aos olhos de Cubas, não parece tão fiel:

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei.

Indiscreto, o defunto autor insinua que a fidelidade não é autêntica, mas se deve às apólices deixadas em vida ao amigo, que lhe retribui com a fala à beira da cova. Abre-se a rede de interesses que fará das *Memórias* um romance irônico e, ao mesmo tempo, pessimista. Se o leitor se diverte com o tom envolvente e maldoso, não pode deixar de ficar desconfortável com a crueza dos fatos que se lhe apresentam. A descrição de uma senhora misteriosa que chorou a morte de Brás não será diferente:

Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, — a filha, um lírio do vale, — e... Tenham paciência! Daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo.

A interrupção — *Tenham paciência!* — evidencia, mais uma vez, que o discurso é conduzido pelo defunto autor e que somente a ele cabe a escolha do momento em que a terceira senhora será apresentada. O que interessa saber é que ela padeceu mais que as outras quando faleceu o solteirão dos trezentos contos, mas fica claro que o menos conveniente seria evidenciar a tristeza. Ora, o narrador não poderia ser mais indiscreto, porque, novamente, insinua uma pequena falha de caráter da anônima. Por que uma mulher não poderia mostrar-se abalada diante da morte de um homem, senão por um segredo comprometedor, como um adultério?

O final do capítulo ata-o ao outro que virá; o estilo é o mesmo, mas agora parece ser possível opinar quanto à veracidade dos fatos: o narrador, que havia pedido paciência, delega ao leitor a responsabilidade do julgamento da causa da morte:

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor não me creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

O **Emplasto Brás Cubas** é a verdadeira causa da morte do narrador:

*Essa idéia era nada menos que um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, destinado a aliviar nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas de remédio, estas três palavras: **Emplasto Brás Cubas**. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória.*

Apresentado como um medicamento embebido de motivos nobres, cristãos e benfazejos, o emplasto não passa de um capricho particular de Brás Cubas, que desejava ver seu nome impresso nos jornais. Hábeis são os que o chamam talentoso, afinal, mesmo que envolto de glória particular, o emplasto era um benefício para a **nossa melancólica humanidade**. Assim, Machado de Assis parece desvendar, finalmente, o que parecia obscuro: suas personagens não serão dadas ao extremo da bondade ou da vilania, mas um misto de atitudes que, aos olhos de todos, parecem dignas e, simultaneamente, sob a observação do narrador, mesquinhas, dedicadas ao regozijo particular. Assim era Brás Cubas e assim eram todas as personagens do romance; não é à toa que se apresenta a sua genealogia nos capítulos seguintes, concluída ao final do capítulo XI com a seguinte afirmação:

O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada, — vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor.

Os familiares de Cubas não fogem ao comum dos homens: o tio Ildefonso, cônego, *tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais que uma infração dos mandamentos.* O tio João, oficial de infantaria, dizia ser o amor da glória a mais genuína feição humana. O pai, enfim, tratava o pequeno Cubas com complacência e permissividade, quase que elogiando o **menino diabo**, alcunha de Brás, por ser um garoto **arguto, indiscreto** — como já se observou — **traquinas** e **voluntarioso**, que montava em Prudêncio, escravo da casa, para fazer-lhe de cavalo. Parece ao leitor que, vindo de tal família, **terra** e **estrume**, o narrador não poderia ser diferente. Como já foi observado, o defunto autor parece ter por princípio fazer observações pessimistas sobre a natureza humana — e sobre ele mesmo — regadas de ironia que divertem e deprimem. No entanto, jamais deixará de justificar-se, como se observa na **Lei da Equivalência das Janelas** em que, depois de valsar toda noite com Virgília, justifica-se moralmente pelo adultério que lhe batia à porta, enviando à polícia uma moeda de ouro encontrada no chão:

Mandei a carta e almocei tranqüilo, posso até dizer que jubiloso. Minha consciência valsara tanto na véspera, que chegou a ficar sufocada, sem respiração; mas a restituição da meia-dobra foi uma janela que se abriu para o outro lado da moral; entrou uma onda de ar puro e a pobre dama respirou à larga. Ventilai as consciências! Não vos digo mais nada. Todavia, despido de quaisquer outras circunstâncias, o meu ato era bonito, porque exprimia um justo escrúpulo, um sentimento de alma delicada. Era o que me dizia a minha dama interior, com um modo austero e meigo a um tempo; é o que ela me dizia, reclinada ao peitoril da janela. (...)

Assim, eu, Brás Cubas, descobri uma lei sublime, a lei da equivalência das janelas, e estabeleci que o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, a fim de que a moral possa arejar continuamente a consciência.

A razão do sufocamento da consciência é o caso que Brás Cubas terá com Virgília durante anos, ato moralmente condenável, mas compensado pela restituição da meia-dobra de ouro à polícia. A lei da equivalência das janelas defende que a consciência poderá estar limpa se constantemente arejada: mesmo que haja algum ato que desabone a boa conduta moral, um outro que a evidencie é motivo de júbilo. Se o homem é por natureza um ser ambíguo cujos atos dignos de memória serão sempre ditados pelo capricho particular, não parece estranho que Brás Cubas tente se justificar de suas atitudes ignóbeis durante todo romance. A compreensão do foco narrativo adotado por Machado de Assis nas **Memórias Póstumas de Brás Cubas** é a chave para a compreensão geral da obra e do estudo sobre as personagens do romance, a seguir.

CARACTERES AMBÍGUOS

Se Brás Cubas é narrador e protagonista do romance, nada mais natural que iniciar o estudo das personagens delinendo o perfil do defunto autor. No entanto, como já se observou, para compreendê-lo é preciso investigar as observações que faz sobre as outras personagens e como as faz. **Marcela**, a primeira paixão do jovem Cubas, motivo de suas primeiras aventuras e desventuras financeiras, teve de ser conquistada, pois era objeto de desejo de outros rapazes, entre eles, Xavier. Vale transcrever o trecho em que a conquista é descrita:

Teve duas fases nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pode resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era o meu universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo.

A comparação é óbvia: Brás Cubas se pensava não namorado ou apaixonado — *que eu de nomes não curo* — mas, primeiramente, cônsul e depois imperador. Aquilo que se disputava não era uma mulher, mas o governo de Roma; o que foi conquistado não era amor: eram os poderes; portanto, Marcela custa ao narrador as dívidas que ele acumula para agradá-la. Os presentes são, aliás, o que move a relação. Quando o pai de Brás descobre o quanto terá de pagar pela paixão do filho, resolve mandá-lo a Portugal para estudar — *Desta vez, disse ele, vais para a Europa; vais cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te para homem sério e não para arruador e gatuno* — e Marcela concorda em acompanhá-lo graças a um pente incrustado de diamantes. Porém, o jovem malandro embarca sozinho para Coimbra e volta anos depois, quando se deparará com Marcela carcomida pela varíola de que foi acometida enquanto ele desfrutava da Europa:

Não era esta certamente a Marcela de 1822; mas a beleza de outro tempo valia uma terça parte dos meus sacrifícios? Era o que eu buscava saber, interrogando o rosto de Marcela. O rosto dizia-me que não; ao mesmo tempo os olhos me contavam que, já outrora, como hoje, ardia neles a flama da cobiça. Os meus é que não souberam ver-lha;

Mesmo que o juízo de valor sobre Marcela seja verdadeiro, é curioso observar que Brás Cubas pensa terem sido em vão seus sacrifícios por ela somente porque o amor era movido pelos presentes: ele, que a disputava como a um império, agora a julgava pela cobiça. É preciso, portanto, estar atento para que as opiniões do narrador, expressas em todo texto, não turvem a análise da obra.

Se Marcela era o mesmo que uma terra a conquistar, o casamento com **Virgília**, arquitetado pelo pai de Brás, era o mesmo que uma porta de entrada para a política: *a noiva e o parlamento são a mesma coisa*. Não é à toa que, recém chegado do bizarro encontro com Marcela, Brás Cubas tenha uma alucinação e veja Virgília, *talvez a mais atrevida criatura da nossa raça e, com certeza, a mais voluntariosa*, tomada pelas bexigas: as duas são objetos de conquista, cada uma a sua maneira. No entanto, para sua infelicidade, surge **Lobo Neves**:

(...) um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto devidamente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Outra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Tal foi o começo da minha derrota.

Mesmo temporariamente derrotado, Brás Cubas gozará dos amores adúlteros de Virgília por anos. Não faltarão outras comparações entre ela e o poder ou o dinheiro: no trecho que precede a Lei da Equivalência das Janelas, salta aos olhos a expressão *É minha!*, que pode tanto referir-se à meia-dobra quanto a Virgília, cuja razão da existência não era e não poderia ser outra senão repousar o espírito de Brás Cubas de *todas as sensações más, simplesmente enfadonhas ou até dolorosas*. Quando surgem rumores sobre o caso, os amantes arranjam um recanto em Gamboa para que não sejam importunados nem objeto da suspeita pública.

O triângulo amoroso Brás Cubas-Virgília-Lobo Neves dará ao romance momentos de tensão, humor e ceticismo. Quando sugere que fujam do Rio de Janeiro para viverem o amor, Virgília não aceita, e Brás Cubas observa:

Vi que era impossível separar as duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligadas: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções daqueles dois dias eram já muitas, e o despeito morreu depressa. Vá lá; arranжемos a casinha.

É possível observar, mais uma vez, a ambigüidade do caráter da personagem: Virgília não poderia viver sem o amor de Brás Cubas, é verdade, mas a consideração pública era tão valiosa quanto os seus sentimentos. Não se negam os seus interesses no espólio do **Viegas**, um parente à beira da morte:

Ela era menos escrupulosa que o marido: manifestava claramente as esperanças que trazia no legado [que o Viegas deixaria], cumulava o parente de todas as cortesias, atenções e afagos que poderiam render, pelo menos, um codicilo. Propriamente, adulava-o; mas eu observei que a adulação das mulheres não é a mesma coisa que a dos homens. Esta orça pela servilidade; a outra confunde-se com a afeição.

Lobo Neves é pintado pelo narrador com a mesma ambivalência de caráter. Mesmo que tenha tentado, claramente, flagrar Virgília e Brás Cubas na casa de Gamboa e tenha se irritado com uma carta que denunciava o adultério de sua esposa, sabia que era mais interessante que não houvesse grandes escândalos, pois a opinião, o falatório e as fofocas da corte lhe seriam desfavoráveis:

Talvez já não amasse a mulher; e, assim, pode ser que o coração fosse estranho à indulgência dos seus últimos atos. Cuido (e de novo insto pela boa vontade da crítica!) cuido que ele estaria pronto a separar-se da mulher, como o leitor se terá separado de muitas relações pessoais; mas a opinião, essa opinião que lhe arrastaria a vida por todas as ruas, que abriria minucioso inquérito acerca do caso, que coligiria uma a uma todas as circunstâncias, antecedências, induções, provas, que as relataria na palestra das chácaras desocupadas, essa terrível opinião, tão curiosa das alcovas obstou à dispersão da família. Ao mesmo tempo tornou impossível o desforço, que seria a divulgação. Ele não podia mostrar-se ressentido comigo, sem igualmente buscar a separação conjugal; teve então de simular a mesma ignorância de outrora, e, por dedução, iguais sentimentos.

De todas as personagens, talvez seja **Dona Plácida**, suposta dona da casa de Gamboa, uma agregada que Virgília conseguira para sustentar as aparências, o alvo das críticas mais ferozes de Brás Cubas. Inicialmente desconfortável por ser peça-chave de um adultério, Dona Plácida torce o nariz ao narrador, mas em pouco tempo torna-se sua aliada. Nascida das aventuras amorosas de um sacristão da Sé com uma doceira, Dona Plácida foi abandonada pela filha — também bastarda — e sustentou a mãe, até que a velha morresse. Depois de ouvir a desgraçada história da agregada, Brás Cubas pensa consigo:

Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando à missa, viu entrar a dama, que queria ser sua colaboradora na vida de D. Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias brotou D. Plácida. É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores dos seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia.

A ironia e o rancor saltam aos olhos: Dona Plácida é **colaboradora** do sacristão na vida da agregada. Os amores dos dois são **conjunções de luxúrias vazias**, origem de Dona Plácida, cujo destino é viver trabalhando, adoecendo e se curando, até que morra decrépita. Para Brás Cubas, a existência vil de Dona Plácida não tem outra função a não ser encobrir os amores dele e de Virgília:

Se não fossem meus amores, provavelmente D. Plácida acabaria como tantas outras criaturas humanas, donde se poderia deduzir que o vício é muitas vezes o estrume da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã.

O *estrume* — os amores de Cubas e Virgília — podem servir para fazer florescer a *virtude* — a benevolência de abrigar Dona Plácida na casa de Gamboa. Quando a humilde agregada morre, ao final do texto, decrépita como se previa, o defunto autor retoma suas reflexões:

Outra vez perguntei, a mim mesmo, como no cap. LXXV, se era para isto que o sacristão da Sé e a doceira trouxeram D. Plácida à luz, num momento de simpatia específica. Mas adverti logo que, se não fosse D. Plácida, talvez os meus amores com Virgília tivessem sido interrompidos, ou imediatamente quebrados, em plena efervescência; tal foi, portanto, a utilidade da vida de D. Plácida. Utilidade relativa, convenho; mas que diacho há absoluto nesse mundo?

Observe que a atitude de Brás Cubas é sempre a mesma: Virgília existia para confortá-lo; Dona Plácida, para encobrir-lhe os amores adúlteros. **Eugênia**, a flor da moita, tem apenas uma função: dar ao narrador a sensação de alívio, comparada a um descalçar de botas apertadas. Tratava-se de uma jovem que *coxeava* e por quem Brás Cubas sentiu-se atraído. No entanto, como ela era coxa, a possibilidade de se relacionarem era impossível. Abre-se, então, mais uma série de ironias maldosas quanto à **coxa de nascença**, que começa com o seu nome — **Eugênia** significa **bem nascida**:

Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me lêem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior; começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu, cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo. Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem.

É nesta parte do texto que está a famosa passagem sobre a **Borboleta Preta**, em que Brás Cubas apresenta motivos e justificativas para a eliminação de uma borboleta que o aporrinha. Depois de afugentá-la, mata-a com uma toalha:

Não caiu morta; ainda torcia o corpo e movia as farpinhas da cabeça. Apiedei-me; tomei-a na palma da mão e fui depô-la no peitoril da janela. Era tarde; a infeliz expirou dentro de alguns segundos. Fiquei um pouco aborrecido, incomodado.

— *Também por que diabo não era azul? Disse comigo.*

E esta reflexão, — uma das mais profundas que se tem feito, desde a invenção das borboletas, — me consolou do malefício, e me reconciliou comigo mesmo.

A referência a Eugênia é clara: bastava a arbitrariedade de Brás Cubas para que a borboleta fosse morta ou o preconceito da sociedade carioca de então para que ele não se casasse com uma mulher coxa. Com efeito, depois de despedir-se dela, Brás Cubas só volta a vê-la no final da vida, velha, ainda mais triste, morando num cortiço.

Mas não é apenas de casos amorosos mal resolvidos que se fazem as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A presença de **Quincas Borba**, colega de infância de Brás Cubas dá ao texto sabor especial. Durante a vida escolar, quando os dois se conhecem, Borba é descrito como *uma flor*:

Nunca em minha infância, nunca em toda minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda cidade.(...) Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre o papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse.

No entanto, anos depois parece que o Borba não teve na vida a mesma sorte que tinha nas brincadeiras de moleque: torna-se mendigo, mora no terceiro degrau das escadas de São Francisco e rouba o relógio do narrador. Tempos depois, devolve-o com uma carta, que informava que o imperador das festas do Espírito Santo, agora, estava rico e havia criado um novo sistema filosófico, o **Humanitismo**:

Nota que eu não faço do homem um simples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo, cocheiro e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido; daí a necessidade de adorar-se a si mesmo.

Humanitas parece ser, portanto, a própria natureza do homem, tão bem explorada por Machado de Assis. A explicação de Quincas Borba é familiar com o que foi observado na página anterior:

Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio canstruído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executados com o único fim de dar mate ao meu apetite.

Para o filósofo, seu sistema era um princípio universal que se resumia em cada homem, fazendo que Borba pensasse que todas as ações humanas existissem em seu nome — assim como seu amigo de infância achava que as vidas de Virgília e Dona Plácida tinham por objetivo satisfazê-lo.

O BRASIL DA ÉPOCA

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, como já se observou acima, apresenta-se a nação como pano de fundo dos caprichos das personagens, sobretudo do narrador. Assim, Dona Plácida é a expressão de uma classe social, os **agregados**, brancos livres sem posses que, num país escravista, não tinham função social definida e que, por isso, dependiam economicamente das elites, vivendo junto a elas.

O trato dado aos escravos emerge na obra quando **Cotrim**, cunhado de Brás Cubas, é descrito com benevolência:

Como era muito seco de maneiras tinha inimigos que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência os escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

À época da publicação das *Memórias*, as idéias abolicionistas eram aventadas no Brasil já fazia tempo e, ciente de que havia contradição em divulgá-las num país que se dizia liberal, Brás Cubas justifica as duras punições de Cotrim chamando-as **puro efeito de relações sociais**. Os paradoxos de uma nação em convulsão ideológica são ainda mais gritantes quando Brás Cubas se depara com sua antiga besta das diversões infantis, o escravo **Prudêncio**, já alforriado, maltratando um outro negro.

O **Damasceno**, casado com uma irmã do Cotrim, vindo do norte, defende o tráfico negreiro. Quando lhe morre de febre amarela a filha, **Eulália**, apelidada **Nhã-Loló**, candidata a esposa de Brás Cubas, que já passa dos quarenta anos e continua solteiro, o **homem extraordinário** que defendia a expulsão dos ingleses não se conforma:

Três semanas depois tornou ao assunto, e então confessou-me que, no meio do desastre irreparável, quisera ter a consolação da presença dos amigos. Doze pessoas apenas, e três quartas partes amigos do Cotrim, acompanharam à cova o cadáver de sua querida filha. E ele fizera expedir oitenta convites. Ponderei-lhe que as perdas eram tão gerais que bem se podia desculpar essa desatenção aparente. Damasceno abanava a cabeça de um modo incrédulo e triste.

— *Qual! Gemia ele, desamparam-me.*

Cotrim, que estava presente:

— *Vieram os que deveras se interessavam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falaria da inércia do governo, das panacéias dos boticários, dos preços das casas, ou uns dos outros...*

Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, e suspirou:

— *Mas viessem!*

Para Damasceno, a formalidade e a aparência eram, talvez, mais importantes que o funeral da filha. Trata-se, na verdade, de uma personagem que vai ao Rio de Janeiro em busca de ascensão social — por isso a tentativa de casar Brás Cubas e Nhã-Loló — e que, no entanto, não pode negar suas origens rudes: Nhã-Loló é descrita como uma moça bela a quem faltam modos e seu pai como um homem que se encanta com uma briga de galos, misturado ao povo que a observava, no capítulo **Morro Abaixo**.

Assim, uma sociedade de ideário ainda indefinido, simultaneamente escravista e liberal, é o que se apresenta ao leitor de maneira sutil, como pano de fundo para as atitudes das personagens.

DAS NEGATIVAS: O ARREIMATE FINAL

O último capítulo das *Memórias* é transcrito abaixo:

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do Emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor de meu rosto. Mais; não padei a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.

O que resta aos leitores é ficar eternamente hipocondríacos, já que o emplasto não pôde ser concluído. A celebridade, idéia fixa de Brás Cubas em todo romance, também não foi alcançada. Mais uma vez, vem à tona a consciência das classes dominantes no romance: apesar das faltas, Brás Cubas observa que **nunca teve que trabalhar para viver**, como aconteceu com Dona Plácida, que morreu miserável e esquecida. O **lucro** alcançado pelo defunto autor é curioso: ele não transmitiu a ninguém o legado da miséria humana. Se a transmissão da vida, segundo o Humanitismo de Quincas Borba, é **a hora suprema da missa espiritual**, porque a vida é o **maior benefício do universo, e não há mendigo que não prefira a miséria à morte** e não nascer é a única desgraça que pode acontecer ao homem, então Brás Cubas se afigura como síntese da natureza de *Humanitas*. Parece que o defunto autor, se não transmite a ninguém a natureza humana, — que é vil, mesquinha e caprichosa, como se observou — anuncia a desgraça que ela mesma reservou aos homens.

